

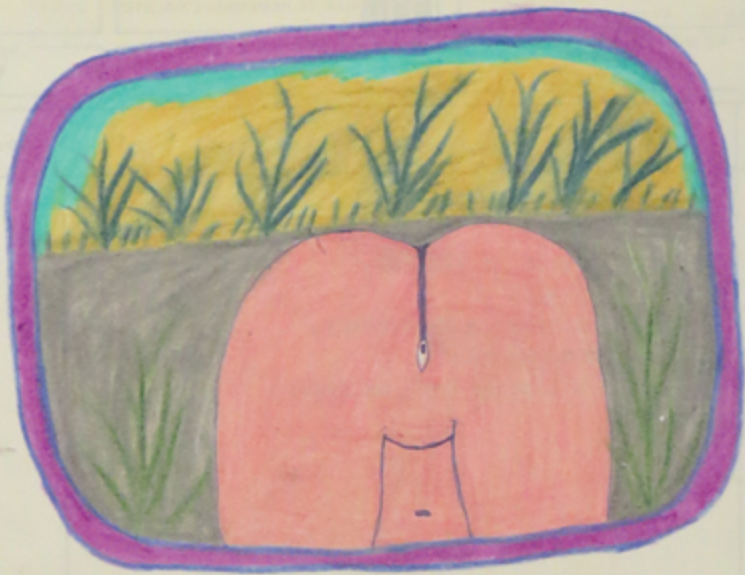
ENSAIO VISUAL

Arte fora da norma

Moacir











Arte fora da norma: a obra de Moacir, o Nô, da Vila de São Jorge

CARLA DE ABREU

Na década de 1980 fui incontáveis vezes à Chapada dos Veadeiros, especificadamente à Vila de São Jorge, que naquela época não passava de um pequeno povoado no cerrado goiano, sem luz elétrica e nenhuma estrutura para turistas, cercado de misticismo, histórias sobrenaturais e uma natureza majestosa.

Moacir Soares de Farias, ou Nô, como é conhecido, já era considerado um personagem da Vila. Vivia em extrema pobreza e era tido como louco e maldito pelos moradores de São Jorge, além de ser o alvo preferido das brincadeiras pouco amistosas das crianças do povoado.

Moacir nasceu com má formação óssea, tem baixa estatura, é surdo do ouvido esquerdo e se comunica com dificuldade por ser fanho. Desde criança até por volta dos 30 anos portava consigo um cobertor que lhe cobria o rosto e parte do corpo. Por um pequeno orifício enxergava o mundo.

O motivo da rejeição por parte da população da Vila de São Jorge estava em seu aspecto físico, no jeito arredio, e, principalmente, nas figuras enigmáticas que costumava pintar com carvão e pigmentos da natureza sobre postes, calçadas ou caixas d'água. Entre as imagens, vários capetas com falos enormes espalhados pela pequena Vila.

Moradores mais antigos do povoado relatam que certa vez, após uma queixa formal à administração da Vila, todas suas pinturas foram apagadas com tinta branca, e a polícia local reprimiu o artista. Nos dias seguintes, seus desenhos ressurgiram na Vila com homens fardados copulando com seres fantásticos, facas e sangue. É bem possível que Moacir tenha gostado da tinta branca para realçar ainda mais seus desenhos.

Na verdade, Nô desenhava em qualquer suporte que estivesse a seu alcance – sacos de papel, o verso de capas de revistas, papéis que encontrava no povoado e, até mesmo, as paredes de sua casa, construída com as próprias mãos. Em 1986,

levei meus pais para conhecerem a Chapada e contei-lhes a história de Moacir. Decidimos levar resmas de papel, lápis de cor e giz de cera para presenteá-lo. Nesta época, Moacir deveria ter aproximadamente 27 anos e já vendia seus desenhos aos poucos turistas que apareciam por lá.

Para minha surpresa, ele e minha mãe tiveram uma afinidade à primeira vista, e Moacir até retirou o cobertor da cabeça, deixando seu rosto visível. O artista presenteou minha mãe com uma série de desenhos, incluindo um em especial: o retrato dela. Nestes desenhos, as temáticas de sua arte já estavam presentes: híbridos de animais e humanos, vaginas, falos gigantes, a natureza crua, facas, sangue, cobras, anjos, demônios... Eram imagens com elevado conteúdo simbólico, referente a um imaginário completamente íntimo, elementos de um mundo fantástico, crenças religiosas e seres sexuais.

A partir de 1990, São Jorge, que é porta de entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, passou a receber cada vez mais turistas. Não demorou muito para a arte de Moacir despertar a atenção de algumas pessoas influentes, dentre as quais o fotógrafo goiano João Fernandes, que mais tarde o apresentou ao professor e pesquisador Carlos Sena, falecido em 2015. Tornaram-se amigos e Sena ganhou de Moacir uma pasta com centenas de desenhos que hoje integram o acervo do Centro Cultural Universidade Federal de Goiás (CCUFG).

Depois desse período, Moacir tornou-se conhecido em um seleto círculo de artistas, curadores, críticos e intelectuais. Abandonou definitivamente o pano que lhe cobria o rosto, tornou-se mais sociável, começou a vender com mais facilidade seus trabalhos e, desde 1998, integra a identidade visual do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, um dos principais acontecimentos da região, trabalho pelo qual recebe direitos autorais.

Há muitas obras de Moacir espalhadas em mãos de particulares, turistas ocasionais ou colecionadores individuais. Atualmente, o CCUFG é a única instituição pública que possui, em seu acervo, uma coleção do artista: os desenhos doados por Carlos Sena. Em 2013, essa coleção fez parte da exposição “Arquipélago”, uma mostra coletiva que reuniu um conjunto heterogêneo de obras do acervo do CCUFG assinadas por mais de vinte artistas brasileiros: além de Moacir, Beatriz Milhazes, Cildo Meireles, Tomie Ohtake, Siron Franco, entre outros.

Recentemente, discursos mais conservadores e a onda moralista que têm ocupado cada vez mais espaço no país não

deixaram a pequena Vila de São Jorge impune: a casa de Moacir foi alvo de pichações grosseiras. Provavelmente tenham sido feitas por turistas que não compreendem a importância de Moacir para a identidade local e tampouco entendem o universo mágico estampado nas obras de Nô. Mais recentemente a doença degenerativa de Moacir vem se agravando, e o artista tem enfrentado, progressivamente, maiores dificuldades para produzir sua arte.

Moacir é um resistente. Resistiu à pobreza, ao bullying, aos ataques, à censura, à esquizofrenia, à solidão, ao moralismo ignorante. Sua arte não tem condicionantes, não segue normas, padrões ou convenções acadêmicas, é livre de ataduras culturais e morais. Mas, Nô também é uma vítima. Vítima da tirania de uma sociedade que não o apoia e o transformou em atrativo turístico de São Jorge. Continua pobre, considerado louco e marginalizado.

A revista *Visualidades*, atenta à envergadura da produção de Moacir e reconhecendo a importância do artista no cenário nacional, publica este ensaio visual com parte dos desenhos doados ao CCUFG. As fotografias foram feitas por Alice Fátima Martins, professora da Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG) e editora da revista *Visualidades* de julho de 2014 a dezembro de 2016.

“Os loucos são como beija-flores: nunca pousam, ficam a dois metros do chão.”

(Arthur Bispo do Rosário)

CARLA DE ABREU

Profª. da Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG) e Coordenadora do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.